

Coluna do Castelo

A força mística da dissidência

O processo de desagregação do PMDB não parece escapar ao confronto do Sr. Ulysses Guimarães, o qual realiza ainda esforços, por intermédio do ministro Renato Archer, de preservar a sigla e a legenda do partido na renovação que emergiria da convenção nacional a ser realizada após a promulgação da Constituição. Governadores vinculados à tradição de lutas do partido estariam dispostos a conviver com os demais desde que a definição ideológica da agremiação renove seu compromisso com as parcelas de opinião que os senadores Fernando Henrique e Mário Covas supõem interpretar com mais autenticidade.

O senador José Richa, um dos dissidentes, já declarou irrelevante a data de realização da convenção, pois tal reunião não interessaria mais ao grupo de dissidentes no qual se integra. Mas o senador Mário Covas, atento ao seu trabalho na Constituinte e com maior senso de realidade, tem informado a correligionários do Distrito Federal que, embora titulares da força moral do PMDB em todo o país, seria uma precipitação deixá-los antes de concluídos os trabalhos constitucionais, até mesmo por não haver tempo para reunir os companheiros numa nova agremiação. A "força mística" do PMDB tem portanto de acomodar-se a fatos concretos antes de tentar produzir-se como algo de importante na renovação da vida pública brasileira.

Dissidentes, aliás, já perceberam que a unidade do partido poderia ser preservada se o deputado Ulysses Guimarães mobilizasse sua influência pessoal sobre a bancada a fim de assegurar a convocação de eleição presidencial este ano. Em tal hipótese o partido não fugiria à vocação da sua candidatura natural e se reagruparia em torno do seu presidente para disputar a sucessão, deixando os divergentes da direita sem alternativa. O próprio Palácio do Planalto, como se sabe, admite que o Sr. Ulysses



Guimarães teria influência para decidir com os votos dos seus seguidores a extensão do mandato do atual presidente, mas confia em que seu senso de responsabilidade não lhe permitirá desafiar as normas da transição e se lançar numa empreitada desafiadora.

O mais provável é que o presidente do PMDB e da Constituição continue vinculado à sua prioridade, que é a votação da Constituição, e se mantenha à margem do conflito que basicamente divide sua agremiação, apesar da invocação de outras razões: o mandato do Sr. José Sarney. Ele sabe que o PMDB não acabará com a dissidência aberta pelos senadores paulistas e pelo Srs. Franco Montoro e José Richa. Não se formam partidos políticos na base da força moral invocada pelos dissidentes cuja extraordinária votação nos últimos pleitos traduziu realidade que não se compadece com uma dissociação de objetivos da frente que pleiteou o apoio popular e o obteve.

Os governadores representam a mesma diversidade ideológica e programática que hoje caracteriza a bancada, para descontentamento dos dissidentes chamados históricos. E não é provável que políticos como os Srs. Miguel Arraes, Waldir Pires e Pedro Simon agridam a estrutura partidária na qual se inserem e cujas realidades estaduais dominam para acompanhar um ato quase romântico de rebeldia. Eles sabem que o partido dos sonhos dos governadores Orestes Quércia e Newton Cardoso seria outro mas nem por isso cometeriam o erro de Tancredo Neves quando se afastou do PMDB por entender que não poderia ter o mesmo partido de Miguel Arraes.

O partido que se projeta na base da dissidência não parece dispor de perspectivas animadoras para a disputa da eleição presidencial do próximo ano (ou deste). É o PMDB que sobreviverá sob o comando do Sr. Ulysses Guimarães dominará sem dificuldade a crise partidária, enfrentando não só a dissidência à esquerda (nem tanto à esquerda, pois um dos seus corifeus é o senador José Richa, um político moderado do Paraná) como fenômenos esdrúxulos como o que se manifestou na capital da República, onde a legenda foi arrebatada por alguém excluído anteriormente da sua lista de candidatos por decisão da Justiça Eleitoral fundada em razões de natureza moral. O PMDB de Brasília tornou-se algo que, para usar a linguagem de alguns jovens repórteres, poderia ser apresentado como emblemático.

Até prova em contrário a dissidência histórica do PMDB é por enquanto uma proposta romântica, na medida em que o MUP parece agir com mais objetividade do que a "força mística" da dissidência.